

CARTOGRAFIA E ACESSIBILIDADE: BUSCA DE CONEXÕES

Conselho editorial

Assim como os códigos fechados e os signos impressos em contextos desconhecidos, o Ato Cartográfico permanece como um saber de comunicação limitada. E a Cartografia como linguagem, ciência aplicada e complexo tecnológico de múltiplas funções, mantém uma justificativa de uso teimosamente atrelada a experiência “traumática” do senso comum: *tal coisa acontece aqui e ali? Onde e como acontecem de fato, não interessa aos nossos preconceitos!*. Entretanto, vozes mais sábias buscam conexões. Mostram-se inconformadas com uma identidade utilitarista e menos dessa Cosmografia Moderna e progressivamente aberta a pós-modernidade das demandas interativas.

Lembrando os estudos do geógrafo Jörn Seaman, em seu livro “Uma viagem pelo mundo da Cartografia”, nos lembra da força contextual nesse princípio renascentista de projeção do olhar ao papel. Recorda que “a palavra cartografia é relativamente nova. Foi produzida na ciência apenas no sec. XIX, quando em 8 de dezembro de 1839” o Visconde de Santarém (Manoel Francisco de Barros e Sousa) comunica por escrito sua invenção a outro visconde, o de Porto Seguro, Francisco Adolfo Varnhagen. E apenas 20 anos depois (1859), o *Oxford English Dictionary*, conforme o geógrafo americano Denis Wood, registraria pela primeira vez o termo (SEEMANN, Editora Veloso: 2012, p.26).

O 7º número da GEOSABERES reúne alguns trabalhos que exercitam, emaranhados no compromisso cartográfico contemporâneo, o desafio de ler a acessibilidade espaço-temporal dessa inventividade. Sua edição, correspondente ao primeiro semestre de 2013, marca um momento da política nacional pouco pensado em termos cartográficos: de que maneira o espaço das manifestações civis (“Passeatas” de Junho/2013) e dos grandes eventos internacionais (Mundial FIFA de Confederações de Futebol, realizado no mesmo mês), apropriam, visibilizam e tencionam as mesmas paisagens urbanas? Assim como a memória patrimonial, de praças, ruas e bairros, é desenhada pela vitalidade dos acontecimentos coletivos, cabe indagar sobre qual a Cartografia emergente da recusa às velhas formas de conluio entre o público e o privado? A Cartografia “que só reduz” o conhecimento aos dispositivos visuais de localização comparada, e dá às forças de “Segurança Pública” um instrumental teste para defender os interesses privativos? Ou a Cartografia “que também amplia” o

conhecimento do mundo, e faz conexões pertinentes (nas ideias e no papel) entre logradouros? Sejam avenidas Alberto Craveiro (Fortaleza), Pres. Antônio Carlos (Belo Horizonte) e Paulista (São Paulo); sejam praças-postais, centros de encontros e desencontros: Tahrir (Cairo); Taksin (Istambul); Del Sol (Madrid) e Três Poderes (Brasília); os pontos, as linhas e as áreas demandam redes densas de mensagens. Como nossos trabalhos aqui publicados pensam em transmiti-las?

O texto que abre **A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NA CARTOGRAFIA ESCOLAR: JOGO DIGITAL PARA A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA** (de Gabriela Dambros, Franciele Rovani, João Quos e Roberto Cassol - UFSM) resulta de uma pesquisa teve, que como objetivo elaborar um jogo digital, capaz de auxiliar no processo de alfabetização cartográfica e validá-lo com os sujeitos do ensino e aprendizagem da Geografia. Na sequência, vem o trabalho **A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DO BAIRRO JARDIM UMUARAMA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SUA ARBORIZAÇÃO** (de Regina Crosara, UFU) que identificou e mensurou os impactos ambientais oriundos de uma arborização incorreta, ocorrida no Bairro Jardim Umarama, em Uberlândia/MG. Mostra, assim, qual a percepção dos moradores em relação à conflituosa convivência com a arborização local.

O terceiro estudo **ANÁLISE DA CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO BÁSICO: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO DE GEOGRAFIA** (de Marília Damasceno e Adryane Gorayeb Caetano, UFC) situa a Cartografia como ciência que subsidia a instrumentalização no ensino de Geografia, com a forma de representação espacial de seus fenômenos. Indica a partir do levantamento junto aos alunos do 7º ano de uma escola pública de Fortaleza, os caminhos renovados da inventividade desse saber, conforme apontamos no início desse editorial. Os jogos e desafios digitais ressurgem no estudo **FERRAMENTAS APLICADAS NO ENSINO DE CARTOGRAFIA: O ATLAS GEOGRÁFICO DIGITAL, O WEBGIS E OS JOGOS DIGITAIS INTERATIVOS** (de Christian Nunes da Silva, UFPA). Propõem, a partir do trabalho de CASTELLAR; SACRAMENTO; MUNHOZ, 2011, um instigante debate sobre o atlas digital e análise de alguns exemplos selecionados. Demonstra, portanto, como essas tecnologias podem tornar-se recursos fundamentais para o ensino crítico de Cartografia e Geografia. O trabalho seguinte, **CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM E A AULA DE CAMPO NA PRAÇA DO FERREIRA – FORTALEZA – CEARÁ** (de Bruno da Silveira; Rachel de Araújo - UFC) **apresenta uma discussão de vínculo direto entre o centro urbano e a prática de visitas**

escolares. Tem o objetivo de compreender as diversas maneiras de abordar o conceito de paisagem no ensino de Geografia e a aula de campo como ferramenta fundamental para a abordagem do conteúdo geográfico na relação aluno e professor.

E no encerramento dessa edição, Espaço Metodológico traz ***O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA GREVE DOS PROFESSORES DO ESTADO DO CEARÁ EM 2011*** (Bruno Ferreira Soares - URCA). Trata-se de um ensaio que propõe analisar, a luz de categorias trabalhadas por M. Santos, M. Castell e N. Elias (1994), o papel das redes sociais na referida greve.

Portanto, ótima conexão a todos os nossos queridos leitores!